



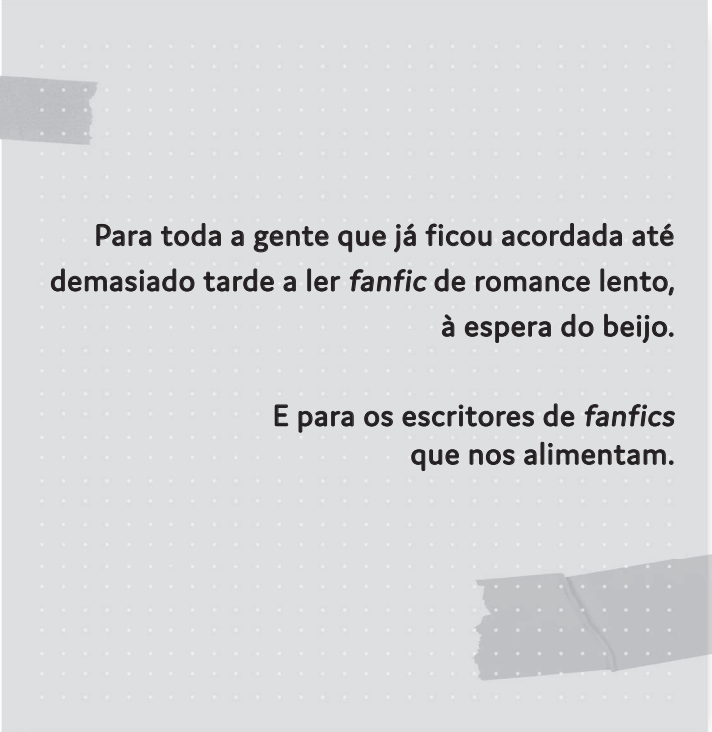
SEIS BEIJOS PERDIDOS

(e uma história
de amor)

TESS SHARPE

Autora Bestseller de *AS RAPARIGAS QUE FUI*





**Para toda a gente que já ficou acordada até
demasiado tarde a ler *fanfic* de romance lento,
à espera do beijo.**

**E para os escritores de *fanfics*
que nos alimentam.**

PARTE Um

mudança

(ou: a primeira vez,
no palheiro)

→ _____

→ _____

→ _____





.....

.....

.....



|
.....
Penny

21 DE JUNHO

«Reunião de família esta noite às 18h. Não te atrases!»

Olho para a mensagem enquanto a June passa por mim, atando o avental.

— Fizeste todo o trabalho de preparação?

— Sim — respondo. — E casei todos os ketchups.

— Estás bem? — Ela lança-me um olhar. Estou a segurar o telemóvel com demasiada força, fitando a mensagem da mãe. Forço um sorriso.

— Estou ótima. Tenho de ir. Vejo-te mais tarde?

— Até logo, Pen.

Recebo outra mensagem quando estou a sair: «Podes ir buscar a Tate à piscina? A Anna veio para casa comigo, não se sentia bem.»

Então, quando a mãe falou em *reunião de família*, era isto que queria dizer. Elas não são irmãs, a mãe e a Anna. Gostam de dizer que são mais do que isso. Melhores amigas, para a vida e para a morte. Um vínculo mais profundo do que o de sangue.

A Gran também estará lá? A minha cabeça está a girar, mas não sei em que crise vou aterrar... A mãe teria ficado toda impulsiva outra vez? Serão más notícias acerca da saúde da Anna? Estas são as principais crises que dominam as nossas vidas... a não ser que se trate de uma

espécie de intervenção. Mas eu não preciso que intervenham. Não fiz nada, a menos que se conte o código de cores no meu calendário do tamanho da parede. A Tate disse-me que era excessivo, mas ela diz isso a respeito de tudo o que faço.

OK. Talvez seja uma pequena mentira. Tenho estado a fazer algo proibido pela minha mãe. Mas se ela soubesse disso, não teria o controlo para convocar uma reunião de família. Neste momento, já me teria apanhado e estaria a gritar comigo.

Por isso, não pode ser uma coisa minha.

Será que a *Tate* precisa de uma intervenção? Mas não é possível. A Tate não faz nada além de piscinas e revirar os olhos quando eu falo. A Tate é, tipo, a filha perfeita. A Anna nunca tem de se preocupar com ela. A minha mãe gosta de dizer isso, toda invejosa. Porque eu sou tão problemática.

Embora ter a Tate no meu carro por mais de dez minutos normalmente signifique desastre, mando uma mensagem à mãe: «Claro.»

Ela não me responde. Não me dá mais informações.

Isso significa que alguém está a morrer, certo?

Não. Caramba! Não te passes. Não penses nisso...

Alguém já morreu.

Maldição. Alguma vez chegarei ao fim de um dia sem...

Claro que não.

Ele era meu pai.

Claro que não.

Ela usa a aliança num fio ao pescoço. A minha mãe. Quando a recebeu, depois, vinha em duas metades, porque foi preciso cortá-la para a tirar do dedo dele. Ela atirou uma das metades através da sala, de tão perturbada que estava. Tentei impedi-la, mas não foi possível. Ou talvez eu apenas não soubesse como fazê-lo.

A Anna, porém, soubera. Segurara a mãe com força e mandara-me sair com a Tate. A mãe estava a viver com a Anna nessa altura, enquanto eu vivia com a Gran. A Anna encontrou a metade que a mãe atirara

pelo ar e, não sei como, conseguiu consertar a aliança. Agora, dois anos passados, a mãe nunca a tira.

Será a Anna? O meu estômago dá nós quando entro no carro e saio do parque de estacionamento do Blackberry Diner. É difícil lembrar-me de uma altura em que a Anna não esteve doente. Teve cancro nos ovários quando eu e a Tate éramos pequenas, e está livre do cancro há alguns anos. Mas voltou a adoecer. No ano passado, foi diagnosticada com Alfa-1, que é aquela coisa genética que afeta o fígado e os pulmões. No caso da Anna, é o fígado. A minha mãe tem estado em modo vou-resolver-isto desde o diagnóstico.

Viro para a South Street, afastando-me do restaurante em direção ao outro lado da cidade.

A piscina fica dentro de um edifício de cimento que é agressivamente anos 70, sem faltar o estranho telhado inclinado. Um resquício do tempo em que se supunha que a cidade ia crescer, antes de a bolha da madeira rebentar. Lá dentro, metade dos projetores já está apagada, fazendo a piscina refulgir.

Ela ainda nada intensamente, o cronómetro colocado num sítio onde o pode ver.

Observo-a por um segundo; não consigo evitar. Desafio qualquer um a não ficar hipnotizado com a forma como a Tate se move dentro de água. Não é uma sereia, nem nada de místico — é um tubarão, disparando pela água como se lhe pertencesse e soubesse aonde vai.

Está sozinha na piscina. A equipa não nada junta no verão — ou, pelo menos, não nada com a Tate.

Ela é sempre a última a sair do treino. Sei isto, também, tal como sei que vê-la cortar a água me obrigará a concentrar muito nos meus pés durante alguns passos. Ela costumava ser a última a sair, porque treinava mais duramente do que qualquer outra pessoa. Ainda o faz, mas agora há algo mais. Fica na água até o resto das raparigas se ir embora, porque não é amiga de nenhuma das colegas de equipa. A culpa é

minha, e a Tate pode dizer que já ultrapassou isso, mas não sei como é possível, se eu não ultrapassei.

Ainda não deu por mim, por isso vou até à pilha de pranchas de flutuação e boias de pernas, pego numa das boias às riscas e atiro-a para a piscina em direção à cabeça dela. Cai à sua frente — posso não ser uma atleta brilhante, mas tenho pontaria —, e ela levanta a cabeça a meio de uma braçada.

Rodando num círculo lento, nem sequer tira os óculos quando me vê.

— A sério? — pergunta.

Antes de eu poder responder, tira a boia da água e atira-ma com o género de precisão mortal a que quase não sou suficientemente rápida para me esquivar.

A gargalhada que isto me arranca é inteiramente involuntária. Ela também o sabe, porque quase sorri enquanto nada para a beira da piscina.

Sai de lá e sei que devo manter-me afastada, para ela não me sacudir água para cima como um cão. Já sei o que a casa gasta e este era o género de coisas que acontecia quando éramos pequenas. E muitas vezes, porque aparentemente não posso ser esperta em relação a *tudo...* especialmente quando se trata dela.

A Tate usa dois fatos de banho de competição, um por cima do outro, e calções de natação por cima destes, uma perna meio cortada. Enrola-se na toalha e pergunta:

— A minha mãe mandou-te?

— Não, a *minha*. Devias ver o teu telemóvel.

Ela tira a touca de natação e os óculos enquanto se dirige ao saco e veste a *parka*. Espero, perguntando-me se terá recebido uma mensagem de texto ou de voz. É de texto, se a sua testa franzida para o ecrã serve de indicação.

Teria recebido mais informação do que eu? Ou também teria recebido só o pretexto propositadamente vago — e claro presságio de infortúnio — da «reunião de família»?

Tento ler as respostas no bocadinho de perfil que consigo ver. O nariz dela arrebita na ponta e as suas tranças francesas estão frisadas da touca, da água e do condicionador com que as besunta antes de entrar na água. Ela ainda tem de tomar duche para lavar o cloro e o esforço, mas quando levanta os olhos do telemóvel, sei que vamos diretamente para casa.

— Vamos — diz ela, e normalmente eu protestaria por ela entrar no meu carro com a *parka* a escorrer, mas apenas aceno com a cabeça.

Ela continua a olhar para o telemóvel depois de entrarmos no carro, e eu quero saber, *preciso* de saber mais, mas limito-me a conduzir. A preocupação está ali, gigante e tensa, e é como se a estivéssemos a esticar tanto que a qualquer momento irá quebrar-se.

— Quando é que a tua carrinha fica pronta? — pergunto, desesperada por evitar qualquer birra ou crise, porque são dez minutos de caminho através da cidade e mais vinte para subir a montanha até minha casa.

Mais silêncio. Bato com os dedos no volante, à espera, porque a Tate por vezes saboreia as suas palavras como se fosse um daqueles conhecedores de vinhos que agitam, cheiram e reviram tanto quanto lhes apetece.

Claro que já estou a virar para a rua que sai da cidade quando ela finalmente diz:

— Não vai ficar.

Olho de relance para ela.

— Como assim?

Ela está resolutamente a não olhar para mim quando diz:

— Vendi-a.

— *O quê?* — Ela adora aquela carrinha. É uma lata velha, mas adora-a. Põe-lhe cera e usa aqueles panos de microfibras e tudo.

— Não digas à minha mãe, está bem?

— *Tate*. — Não consigo olhar para ela, mas quero. Quero procurar uma resposta na sua cara, porque ela raramente dá uma em voz alta,

mas por vezes a sua cara... Bem, por vezes ela não se pode esconder debaixo de água.

Ela encolhe os ombros.

— O cartão de crédito estava quase estoirado. Tenho de manter a eletricidade ligada. E pagar a comida e os medicamentos, e só... tratei disso, OK?

A minha boca está seca por perceber que as coisas estão *tão* mal. Foi sempre mau, em termos de dinheiro, porque como podia não ser, com aquelas contas médicas todas? Mas se está tão mal a ponto de a Tate vender a carrinha nas costas da mãe...

— Ela vai reparar que não tens a carrinha!

— Pensa que está na oficina. Não te preocupes com isso.

— Eu... — Para ser franca, é como se ela me tivesse pedido que não respirasse. Porque preocupar-me é o que eu faço. — Está bem. Mas se esta reunião é sobre isso, não esperes que fique do teu lado.

Ela revira os olhos.

— Não há lados, Penny. Só estou a tentar manter as coisas a andar. Pensei que, pelo menos, tu compreendesses. Fizeste a mesma coisa, quando...

Estalo a língua de encontro aos dentes, um sinal de aviso que ecoa acompanhando o acesso de dor e raiva no meu peito.

— Para.

A Tate nem sequer fica envergonhada pela minha exigência. Simplesmente continua a olhar para mim como se fosse um desafio.

— Então não me aborreças por arranjar uma maneira de pagar as contas.

— Se calhar, devias ter pedido ajuda antes de venderes a tua carrinha e obrigares a mãe e a Anna a fazerem uma intervenção!

— Esta noite não é sobre isso. Se a minha mãe percebesse que vendi a carrinha, falaria comigo, não convocaria uma reunião.

Salto praticamente sobre as palavras dela.

— Então *sabes* acerca do que é?

Ela larga a sua versão de uma gargalhada, aquele latido que nunca lhe chega aos lábios nem aos olhos. O sorriso, por vezes, chega. Raramente. É preciso conquistá-lo.

— Oh, meu Deus — diz a Tate, toda repugnada, e lê do telemóvel: — «Olá, querida, reunião de família esta noite na casa da Lottie. A Penny vai buscar-te à piscina.» Queres parar o carro e ler tu, para teres a certeza de que não estou a mentir? — acrescenta.

Agora sou eu quem está em silêncio. Talvez fosse esse o seu objetivo, porque vamos caladas o resto da viagem. Quando entro finalmente na estrada de gravilha que conduz à minha casa, ela solta um suspiro de alívio que finjo não ouvir. As luzes da cozinha estão acesas quando abro o cadeado no portão de gado que comprei na feira comunitária para substituir aquele que a mãe derrubou com o carro no ano mau. Tenho a certeza de que o preço de 30 dólares foi por a menina Frisbee ter pena de mim.

Detesto que a Tate me recorde disso. Detesto que a mãe decida ser críptica em vez de clara. Não gosto de coisas vagas. Gosto de planos com dez pontos e três saídas estratégicas diferentes.

Assim que o carro para, a Tate já está lá fora. Também detesto quando ela faz isso. Impaciência, o teu nome é Tate.

Ela está quase no alpendre quando tranco o portão e chego ao pé dela.

— Precisamos de uma estratégia! — sussurro. — E se for *mesmo* uma intervenção?

— Para quê? Desenvolveste algum problema quando eu não estava a olhar? Encheste mesmo o teu roupeiro com canetas, como sonhavas quando tínhamos 7 anos? Se assim for, estou do lado da Lottie e da mãe. Acabaram-se os materiais de escritório para ti. O calendário gigante com código de cores e o maldito *bullet journal* já são maus que cheguem.

— O meu calendário é *útil!*

— Ocupa uma parede inteira do teu quarto. Para que precisas de um calendário quando tens um *bullet journal*?

— Só arrancarás o meu *bullet journal* das minhas mãos frias e mortas.

— Hum.

Tenho vontade de bater o pé. É o que ela faz: inspira-me sentimentos de *bater o pé*. Como se eu fosse uma criança prestes a fazer uma birra por estar tão frustrada.

E depois olho para ela e ali está, nos seus olhos, porque raramente chega aos lábios: o sorriso.

— Estás a ser estúpida só para me distraíres? — pergunto.

Os seus olhos enrugam-se apenas um bocadinho. Oh, meu Deus! Porque é que ela me faz isto?

E porque é que eu caio sempre?

— Temos de ir para dentro — é a única resposta dela.

— Espera. — É como se a minha mão estivesse dois passos à frente do meu cérebro, porque já lhe agarrei o pulso. O interior da *parka* dela é daquele tecido tipo polar, por isso a sua pele já está quente, e há este longo momento em que os segundos e talvez os minutos perdem todo o significado, enquanto ela olha para os meus dedos em volta do seu pulso e depois para mim... Mesmo assim, não a largo.

É sempre tão difícil largá-la.

— Se não é por causa da carrinha... — forço-me a dizer. — E se... Tate, e se for mau?

Ela retorce o pulso, e o tempo regressa à realidade quando os seus dedos seguram os meus com um aperto gentil antes de se soltarem.

— Se for mau, é — diz simplesmente.

Avança para a porta, mas desta vez não a impeço.

Apenas sigo atrás dela.



2

.....

Penny

21 DE JUNHO

— Porque é que estás de *parka*? — é a primeira coisa que a Anna diz quando eu e a Tate entramos na sala. — Meninas, não era preciso virem a correr.

— A sério? — pergunta a Tate. Afunda-se no sofá ao lado da Anna. As almofadas decorativas (a mãe adora-as) quase a escondem.

A Anna bate com o ombro no da Tate.

— Vai mudar de roupa — diz-lhe. — Vais molhar a carpete toda.

— Mãe? — chamo, porque não a vejo em lado nenhum.

— Estou na cozinha — grita ela das traseiras da casa.

— Deixaste-a na cozinha sem ninguém? — pergunto, com horror na voz.

— Está encarregada da salada, nada de importante — murmura a Gran, aparecendo por trás de mim. Tenho de morder a língua para não gritar. A Gran anda de forma muito ligeira e valoriza o elemento surpresa e, por causa disso, tenho estado à beira de um ataque de nervos toda a minha vida. Ela aparece de nenhures, como ceifeiro da morte, mas um que nos dá bolachas e nos ensina a fazer ligações diretas num carro, em vez de nos arrastar para o além.

— Vou só... — começo a dizer, encaminhando-me para a cozinha. Felizmente a Gran tem razão: a mãe está a cortar alface na ilha.

— Estou quase a acabar — diz a mãe, atirando mais alface-romana para a tigela. — Vamos conversar depois do jantar, está bem? Vai fazer companhia à Tate.

— Conversar sobre o quê?

— Depois verás.

Continua a não me olhar nos olhos. Ela não estaria a fazer salada se fossem dar-nos más notícias relacionadas com saúde, pois não?

— Eu ponho a mesa — digo.

Vou buscar os talheres ao cesto e tiro os guardanapos da gaveta da sala de jantar. Quando a mãe vendeu a nossa casa na cidade, ainda estava no apartamento da Anna. Já ultrapassara o estágio comatoso da dor, mas ainda se encontrava na fase de dormir-o-tempo-todo. Mal a vi durante o primeiro ano. Vivi com a Gran até a mãe se recompor, e depois a mãe mudou-se para aqui e a Gran mudou-se para a caravana que estacionou do outro lado do relvado. Nunca me pareceu certo fazer a Gran sair de sua casa. Mas não há hipótese de ela e a mãe viverem na mesma casa por meses ou anos.

Não costumava ser assim, mas agora é.

Estou prestes a começar o 12.º ano, e esta casa é uma estranha mistura das mulheres Conner: o aparador dos anos 30 da Gran, com os resultados da fase de cerâmica da mãe lá dentro, as minhas ferramentas encafuadas na gaveta e a maior e mais caótica peça em vitral da mãe pousada em cima — aquela que é só lascas brilhantes de vidro roxo, que deviam parecer cristais mas, em vez disso, parecem dor. Mais crua do que as suas outras obras, é uma das primeiras peças que fez depois de o pai morrer. Desde então, o seu trabalho tem sido diferente. Ela costumava ser obcecada pela simetria, pela cor e pela precisão. Agora é tudo uma narrativa abstrata e denticulada, que tem deixado as pessoas ligadas à arte mais interessadas do que nunca.

Os talheres também são da Gran. Mas os guardanapos são todos «mãe», bordados à mão com flores.

Dobro-os vagarosamente, para as pontas ficarem todas certas, porque a alternativa é enervar-me ainda mais. Estou a dispor os pratos quando a Tate entra. Tirou o fato de banho e a *parka* e vestiu a sua roupa: calças de treino e uma t-shirt da corrida 5 km Contra o Cancro dos Ovários do ano passado, a que ela cortou as mangas e o decote, porque é alérgica a golas justas ou algo assim. Faz isso a todas as suas t-shirts. Estão sempre a descair-lhe do ombro.

Isso distrai-me.

— Penny, pareces prestes a ter um ataque de pânico — murmura ela, tirando-me os pratos da mão.

— Elas estão a agir de uma forma *estranha*.

— Concordo.

— Então vamos ficar passadas juntas!

Ela levanta uma sobancelha.

— Vamos ficar calmas juntas — contraria.

— Isso é... — gaguejo, e ela enrugos os olhos mas a boca não se move. — Cruel — concludo.

— Preferia jantar sem tu estares a hiperventilar.

— Isso aconteceu uma vez, e tu sabes bem!

— Foi muito mais do que uma vez, incluindo aquela em que desmaiaeste... e *tu* sabes bem.

Semicerro os olhos. Ela não estava lá quando desmaiei. Como sabe disso? E nem sequer tenho de lhe perguntar nada, porque ela vê a interrogação na minha cara e responde, o que eu agradeço. Não sou alguém que possa afundar-se nas profundas águas desconhecidas que são a Tate. Ela nunca precisa de voltar à superfície... e eu acabo sempre por ter de vir.

— A quem achas que a Meghan mandou uma mensagem, toda frenética, porque sabia que se ligasse à tua mãe ficavas danada?

— A Meghan não faria isso.

— Claro que fez. É a tua melhor amiga e tu desmaiaeste-lhe. Não tens de quê, já agora.

— Pelo *quê*? — Tenho vontade de tirar o telemóvel do bolso e enviar uma mensagem à Meghan agora mesmo, mas não o faço, porque a Tate tem razão. *Mais uma vez*.

— Por não contar a ninguém.

— Não há nada para contar. — Mas é mentira o que me sai da boca. E como os olhos dela ainda estão a refulgir para mim, acrescento: — Estou bem, Tate.

— Hum. — Ela nem se dá ao trabalho de tentar acreditar em mim, mas não posso fazer nada acerca disso, porque a mãe escolhe este momento para sair da cozinha com a salada.

Eu e a Tate acabamos de pôr a mesa, trazemos o resto da comida e sentamo-nos todas.

Consigo comer quatro garfadas de salada até não aguentar mais.

— Então, o que é que se passa?

— Eu disse-te — lança a Anna à mãe, apontando o garfo para ela. — Devíamos ter feito isto antes de jantar.

— Feito o *quê*? — pergunta a Tate.

— Depois do jantar — repete a mãe, e é quanto basta para me fazer passar, a forma como ela evita os meus olhos. — Temos um plano — enfatiza para a Anna.

— Mãe — digo. — Mas que *merda* é esta?

Toda a mesa fica em silêncio, com exceção de um matraquear dramático de talheres por parte da Gran, o que é anedótico, porque ela diz palavrões como se fosse um marinheiro.

A Anna desata a rir-se.

— A culpa é tua — diz à mãe. — Penny, querida, está tudo bem.

— O que é que aconteceu? — pergunta a Tate, olhando fixamente para a Anna.

Esta pousa o garfo e sorri. Não, na verdade, está mesmo radiante.

— Desde a minha biopsia ao fígado, os médicos têm falado de um transplante — diz ela.

— Era disso que devíamos ter falado desde o início — comenta a mãe.

— Entrar na lista de transplantes, como eles sugeriram, parecia uma coisa perfeitamente razoável a fazer — explica-lhe a Anna.

— Espera... Há um dador? Temos de ir para o hospital agora? — A Tate parece prestes a saltar da mesa e a meter-se no meu carro para ir a Sacramento.

— Há um dador — diz a Anna.

— Sou eu — acrescenta a mãe. — Soubemos hoje que fui aprovada como dadora para a Anna. Porquê esperar, sabe-se lá quanto tempo, quando lhe posso dar um bocado do meu?

— *O quê?* — É a minha voz. É sonora. Ecoa na sala de jantar e faz, finalmente, os olhos da minha mãe dispararem para mim. Mas apenas por um segundo. Depois o olhar dela parte. Ela parte.

— Os médicos dizem que, apesar de ser um procedimento raro, há uma taxa de sobrevivência maior com um dador vivo — intervém a Gran do outro lado da mesa.

— Vais fazer um transplante de um dador vivo? — As palavras da Tate saem tão depressa, são uma salgalhada terrível que levo um segundo a decifrar porque só consigo pensar, repetidamente: *O que é que a minha mãe acabou de dizer?* — Quando?

— Vamos para Sacramento daqui a quatro dias — diz a Anna.

— Noventa e seis horas, linda! — A mãe sorri e é quando percebo que elas já decidiram isto tudo: as três falaram do assunto há semanas, não, *há meses*. Devem ter feito os testes todos para saber se a mãe era compatível, e avaliações para confirmar que queria fazê-lo e... nós simplesmente fomos deixadas fora de tudo.

— Mãe! — diz a Tate, e de repente está a abraçar as duas, praticamente a atirar-se para o colo delas como uma criança, e não suporto a alegria quando estou prestes a descer pelo ralo do pânico e do medo.

Não posso estar aqui agora.

Levanto-me da cadeira antes de pensar em fazê-lo, e sei que alguém está a chamar o meu nome, mas continuo a andar.

O pátio não é bem um pátio, mas mais um terreno. Esta terra — o hectare e meio, a casa e o seu telhado de chapa ondulada, com a caravana velha da Gran no caminho de acesso do outro lado do terreno — é o sítio em que o meu pai cresceu. Estou aqui desde que ele morreu. A mãe demorou mais a chegar aqui, e a avó a chegar à caravana. Nem pensar que a avó me iria deixar sozinha com a mãe depois de tudo o que aconteceu. Também não é que eu ache que a mãe quisesse estar sozinha comigo — está sempre à procura de uma saída quando estamos juntas.

O que é que acontece se desta vez for *ela* a morrer? E se me deixar para sempre?

Pensamentos egoístas. Perguntas egoístas. Quero ser egoísta neste caso. Gananciosa pelo único dos meus pais que me resta.

Rabos-de-raposa roçam-me os tornozelos quando chego ao extremo do campo, onde um grupo de pedras de formação vulcânica se ergue para os céus. Empoleiro-me na pedra maior, os meus dedos procurando abaixo da aresta.

Ali está. Percorro com os dedos as iniciais. $GC + CC = PC$.

George Conner + Charlotte Conner = Penelope Conner.

A minha mãe foi sempre extravagante no departamento do amor, a ponto de gravar coisas em pedra e dar todo o seu coração ao pai, de maneira que ele o levou consigo quando partiu... e dar parte do seu fígado à Anna, porque é isso que se faz pela nossa melhor amiga.

É fantástica numa equipa, a minha mãe. Quando tem um parceiro, brilha. Quando o pai estava vivo, era a luz personificada. Mas quando ele morreu, a luz apagou-se tão abruptamente que eu fiquei a tatear no escuro.

Naqueles primeiros seis meses — naquele ano inteiro, na verdade — ela esteve desequilibrada, a precisar de um companheiro de equipa,

enquanto eu precisava de uma mãe. Toda a gente pensava que eu era a mais forte, por isso tive de o ser. Agora está melhor. A Anna esteve ali para a mãe ao longo de todo o processo, porque é isso que as melhores amigas fazem.

Tenho ouvido essa frase toda a minha vida. Tenho estado junto delas, das suas histórias, da sua linguagem secreta e do facto de serem ainda mais próximas do que irmãos ou amantes poderiam ser. Criaram algo inteiramente além dos laços de sangue ou do romance — aquele género de amizade «por ti, era capaz de esconder um cadáver». É o tipo de coisa tão forte que afeta tudo o que tocam. Estou há metade da minha vida junto da Tate por causa delas. A Gran é como uma avó para ela, e é a única que ambas temos. Não há nenhuma parte da minha vida que não seja afetada, porque a Anna apanhou a minha mãe a roubar numa loja quando eram miúdas e a encobriu.

Devia ter previsto isto. Claro que a mãe foi testada para saber se era compatível. Claro que concordou em fazê-lo sem ao menos falar comigo.

Claro.

Encosto-me à pedra. Estou cá fora há tanto tempo que o jantar já deve ter acabado. Mesmo assim, não vou para dentro. Nem sequer me mexo, até que...

— A sério?

Cerro os maxilares quando ouço a voz da Tate. Fito o céu, deitada de costas, com os joelhos erguidos. Mantenho os olhos fixos nas estrelas, mesmo quando ela sobe e se senta ao meu lado.

Vou chorar se encontrar o olhar dela e ela for toda empática e cheia de pena. E vou gritar se ela estiver zangada.

— Penny. — É só o meu nome. Já o ouvi centenas de vezes na minha vida. Ouvi-o dezenas de vezes nos lábios dela. Mas desta vez, ela parece que o suspira entre os dedos, como se tentasse não o dizer. Como se, subitamente, se tivesse tornado um segredo que eu não devia ouvir.

— Isto não é... — Interrompo-me, procurando arranjar uma maneira de o dizer sem me enfiar irremediavelmente num buraco. Porque como posso dizer, *A tua mãe é fantástica e eu amo-a, mas tenho medo de que a minha mãe morra para a salvar*, sem parecer uma sacana egoísta?

Não há. Não há maneira. Por isso calo-me. A culpa não é dela. A culpa não é de ninguém.

É só a vida. Ambas aprendemos, há muito tempo, que não é justa.

O silêncio nunca me consome na presença da Tate. Nunca é verdadeiramente desconfortável, com algumas exceções. Talvez por ela ser normalmente calada, a menos que a provoquem.

Então, apenas espero que ela o quebre.

— Sempre achei que tínhamos muita sorte — diz finalmente.

Isto faz-me erguer apoiada nos cotovelos, porque *o quê?*

— Eu e a minha mãe — continua ela, lendo perfeitamente a minha expressão. — Temos muito mais pessoas do que alguns. Temos a Lottie e a Marion. Sei que ela é a tua avó, mas por vezes é como se fosse... — Não diz *minha*, mas está lá.

— E é — digo, porque é verdade. A avó ama a Tate.

— E temos-te a ti — acrescenta ela.

— Não me... — Interrompo a minha negação automática (*Não me têm*) antes de a terminar, pois nem sei porque havia de dizer uma coisa destas. Só para contrariar e ser cruel, quando ela está a acenar com uma espécie de bandeira de rendição?

— E, no entanto, foste buscar-me ao treino hoje. — E, *boa*, Tate, que maneira de lixar toda a minha meia negação numa frase simples.

— Ficava-me de caminho.

— O restaurante mudou para a parte norte da vila quando eu não estava a olhar?

— Quase não há vila suficiente para *haver* um lado norte. Fica tudo a caminho de tudo. Não fiz propriamente um grande desvio.

— Saíste do teu caminho quando me levaste a Chico para comprar a cama no ano passado... e passaste aquele tempo todo a ajudar-me a montá-la.

— Serviços de motorista e montar uma cama articulada não é o mesmo que dar uma parte do fígado, Tate!

Ela suspira, longa e lentamente. Estou a irritá-la, e *não quero* fazê-lo. Por uma vez, não quero *mesmo* provocá-la ou discutir. Estou a falhar nisto — o que quer que isto seja, este momento em que ela veio atrás de mim cá para fora, pensando... o quê? Que me podia convencer a estar na boa com a situação?

Terá sido a minha mãe quem a mandou? A ideia enfurece-me. A mãe não pode evitar-me para sempre... ou talvez possa. É algo que faz muito bem há vários anos.

— Não tens muita sorte — digo-lhe, porque não suporto mais isto. — Estás a brincar comigo? Nenhuma de nós tem. O teu pai abandonou-te. O meu morreu. A minha mãe enlouqueceu durante um ano, e a tua venceu um cancro só para voltar a adoecer com algo igualmente mau. A única maneira de ires para uma universidade é quase matares-te para obter uma bolsa de natação, e a única maneira de eu fazer praticamente tudo o que quero é pondo e tirando mesas e ensinando os filhos de médicos e advogados no período letivo. Não temos sorte, Tate. Estamos perpetuamente lixadas. Estamos sempre a estoirar dinheiro em emergências. O que é que pensaste quando viste no telemóvel que tínhamos uma reunião de família? Não pensaste imediatamente: *Aconteceu alguma coisa má?* Porque eu pensei.

— Claro que pensaste. Mas, por uma vez, *não* aconteceu algo mau. Aconteceu algo bom. Ela vai sobreviver.

E então, acontece: ela sorri. O sorriso floresce-lhe no rosto, tão lento que, quando percebo o que aconteceu, está quase a acabar.

Fico enjoada. A minha cabeça gira, em absoluta confusão, de uma maneira que não é possível. A Tate está em movimento, um borrão de

rapariga a cheirar a cloro e a fervilhar. Eu não sou um borrão de rapariga... Não sou um borrão de nada. Sou passos cuidadosos e deliberados e sou procurar problemas à minha frente e atrás de mim. Tento remediar coisas. E quando não consigo, enterro-as.

Mas não posso remediar isto e não posso enterrar o que será realidade dentro de 96 horas. Estremeço perante a ideia. Os meus pulmões ficam demasiado apertados e não consigo combater o acelerar da respiração, embora saiba que devia.

Porque *é* uma coisa boa. A Anna tem estado doente durante o que me pareceu toda a minha vida, e quando o fígado dela começou a falhar no ano passado, eu fiquei muito rapidamente assustada. Quero que ela esteja saudável e melhor — claro que quero.

— Então, *então*, Penny, respira.

A mão dela pressiona-me as omoplatas. Uma pressão gentil. Ela está sempre quente. Como se a velocidade dentro de si estivesse sempre ansiosa por se libertar.

Torna-se um pouco mais fácil respirar.

Um pouco mais fácil falar.

Ser honesta.

— Não quero que nenhuma delas morra.

— Não podes pensar assim — diz-me ela, e quando abro a boca para defender por que razão não posso não o fazer, ela continua: — Não. Eu sou a especialista em «mãe em perigo médico», por isso tens de me ouvir. Não podemos pressioná-las. Temos montes de coisas para fazer e quase tempo nenhum. Muitos estudos demonstram que o stress psicológico tem um efeito negativo nos doentes transplantados, por isso vamos comportar-nos o melhor possível e vamos ficar bem com esta mudança... *e vamos fazê-las* pensar que isto é exatamente o que *nos* fará dar bem... OK?

— Desde quando lêes estudos médicos? — pergunto, antes de processar completamente tudo o que ela disse.

— Lá por não ter um calendário gigante com o tempo de leitura bloqueado a roxo, não quer dizer que não leia — diz ela, quando o meu cérebro começa a acompanhar.

— Espera. Qual *mudança*? — pergunto.

— Pois. Não estavas lá nessa parte. — A Tate agora não está a olhar para mim. — Elas vão combinar casas para poupar dinheiro. É o que lhe chamam.

— O quê?

— Achas que elas podem pagar tudo, com o tempo que têm de estar de baixa? A minha mãe estará a recuperar durante meses antes de poder voltar ao trabalho, e a tua vai ficar em repouso na cama pelo menos umas semanas, talvez mais. E têm de se manter perto dos médicos, em Sacramento, durante quase um mês. Além dos medicamentos... A mãe vai abdicar do nosso apartamento. Temos de ser nós a mudar tudo enquanto elas estão a recuperar. Esta casa é maior. Viveremos todas aqui.

— *Juntas*?

— Bem, vendi a minha carrinha, Penny, por isso não posso exatamente viver lá.

O sarcasmo dela morde. Como um tubarão.

— Também não queria que vivesses na carrinha! Estou só a tentar compreender o que está a acontecer, porque parece que a reunião de família prosseguiu com grandes detalhes sem mim, e agora tenho duas novas colegas de casa.

— Tu é que saíste, como uma *drama queen*.

— Não queria chorar em frente das mães, Tate. Dá-me um desconto. Não fiz exatamente o que me pediste que fizesse? Não as stressar?

— Elas pensam que és contra a ideia.

— Então foi mesmo a minha mãe quem te mandou aqui.

— Não. Só vim para te dizer que, se lixares isto, Penny...

A minha cara fica retorcida. Todo o meu *coração* fica retorcido. Passo imediatamente ao ataque.

— Como se *alguma coisa* do que eu digo tivesse efeito na minha mãe. Ela nunca me leva em consideração, e tu sabes!

Estou a gritar, e estamos ambas de pé e não sei quando é que nos levantámos, mas deve ter acontecido, porque estamos de pé naquela rocha, prontas para explodir, como um vulcão a cuspir lava.

— A culpa não é minha. — E agora ela está o mais perto de gritar que consegue, o que é mais rosar do que outra coisa. — A tua mãe ter desmoronado não é culpa minha. Nada disto é culpa minha. Só estou a tentar manter a minha mãe viva.

— E a minha mãe é a melhor aposta. — Não o digo como um desafio, como se lhe atirasse alguma coisa à cara, nem mesmo como uma asunção de derrota. É só... um facto. Como o de não termos sorte. A mãe é a melhor aposta da Anna. A mãe é compatível e saudável. Os fígados regeneram. E eu não devia estar tão passada.

Mas estou. Por uma dúzia de razões, algumas que não tenho sequer a certeza de poder nomear, e outras que estavam ao meu alcance mas que a mãe me arrancou.

— A tua mãe *quer* fazê-lo.

— Mas e se...

— Tens de parar com essa treta do pior cenário possível — diz a Tate, e já não está a rosar. É uma súplica.

Como? É o que quero perguntar-lhe. Quero gritar-lhe mais. Mas agora que não estou a gritar, acabo de perceber o quanto estamos próximas — se eu respirar, o sopro roçará nela, e essa ideia...

Oh, não. Está a acontecer outra vez. Por vezes começa assim, e posso senti-la, aquela palpitação no meu peito.

É só que... ela põe-me tão *frustrada*. E por vezes apetece-me estender a mão e...

Não é sacudi-la, claro. Nunca, jamais, algo desse género.

Por vezes, quero estender a mão e parar as suas palavras enfurecedoras, o movimento e aquela vibração no meu peito e na minha cabeça,

SEIS BEIJOS PERDIDOS (E UMA HISTÓRIA DE AMOR)

e agora já aconteceu vezes suficientes para eu ter a certeza absoluta de que a única maneira de o fazer seria... bem... beijá-la.

O que não posso. Com vibração ou sem ela.

É só uma coisa que me passa pela cabeça. Por vezes. Como agora. Ou quando estou na cama a fazer uma lista de Maneiras de Calar a Tate, como outras raparigas contam carneiros.

E é só uma coisa que por vezes acontece. Aquela pausa. Quando tudo fica pesado, os meus lábios secam e não há palavras mas muitos olhares e...

Pois. Está *definitivamente* a acontecer outra vez.

Por isso, faço a única coisa que sou capaz de fazer: fujo. Outra vez.



3

.....

21 DE JUNHO

Acabaste de fugir de mim, prado fora, como uma gazela?

T

Mas que raio, Penny?

T

Ainda és uma treta a correr, já agora. Podia ter-te apanhado.

T

Pensei que depois de Yreka...

T

Pensei...

T

Merda.

T

22H00:

Alguma vez vamos falar disto?

T



4

.....

Tate

DOIS ANOS E MEIO ANTES

A primeira vez que quase nos beijamos, estou praticamente bêbeda. Sei que isto não é grande recomendação — de mim, da forma como passei a primeira metade do 9.º ano ou desta história da primeira (mas não definitivamente a última) vez que quase acabei a beijar a Penelope Conner. Mas fiquem comigo.

Nunca existi num mundo sem a Penny. Ela é dois meses mais velha do que eu, por isso chegou aqui primeiro. Não posso dizer quantas vezes me recordou disso quando éramos pequenas. E visto que a Lottie e a mãe são a Lottie-e-a-Mãe, tenho estado encahada na órbita da Penny toda a minha vida.

Ela tem jeito para isso. Atrair pessoas. É como um íman. É como esta maldita vila: mesmo quando pensas que te livraste dela, tem uma maneira de te trazer de volta. Mas eu nunca consegui livrar-me desta vila... nem da Penny.

Decidi que ela era irritante quando tinha 7 anos. Aos 9, queria odiá-la, mas não funcionou muito bem. Aos 11, envolvemo-nos no que teria sido uma luta de punhos se a Marion não se tivesse metido entre nós. Aos 12, decidimos que já bastava de as nossas mães tentarem que fôssemos amigas. E aos 13, estávamos a entrar para o 9.º ano e a iniciar vidas separadas: eu levantava-me às cinco da manhã todos os dias para

nadar e ela meteu-se a colorir coisas em código e a aterrorizar a administração da escola através do conselho de alunos.

O que nos leva ao início do 9.º ano, àquela festa e ao momento que mudou tudo para mim, mas, definitivamente, não para ela. (Não é só ela quem gosta de manter um registo das coisas. As minhas estão só mais na cabeça do que na parede em forma de calendário.)

A festa é de uma rapariga do 12.º ano que faz parte da equipa. Os pais dela estão fora da cidade e ela conhece um tipo, por isso há montes de cerveja e as fiadas de luzes de alguém nas traves do palheiro. O cheiro do feno é mais forte do que o da erva, do óleo de motor e do suor.

Passar da equipa de um clube para uma equipa da escola é um equilíbrio precário, porque ainda nado para o clube aos fins de semana, e toda a gente sabe que o treinador só o aceita porque já sou mais rápida do que todas as miúdas do meu ano. E as do 10.º. E as do 11.º.

Não sou de nível olímpico, ou algo do género. Mas posso ser bastante boa para conseguir uma bolsa, e é a minha única hipótese de sair desta vila, portanto é nisso que me concentro. Já sei que não vale a pena tentar alcançar certas coisas. Algumas raparigas não obtêm certas coisas. E eu, sem dúvida, estou na categoria de *algumas raparigas*.

Então, estou na festa. E estou ligeiramente embriagada, com umas duas cervejas a mais, porque não comi, e é aquela altura antes de alguém compreender que ficar bêbedo é um bocado chato e torna o treino de natação da manhã seguinte um inferno... e eu quero tanto, mas tanto, integrar-me no resto da equipa. Mas nessa altura ainda não sei que integrar-me estará sempre fora do meu alcance.

As raparigas são barulhentas, assim como a música que sai das colunas que alguém pendurou. Ao princípio não reparo na Penny, especialmente porque o meu amigo Remington está sempre a trazer-me cervejas, e depois a obrigar-me a beber garrafas de água e a avisar-me em sussurros acerca da hidratação, porque o Remi é mesmo assim. Preocupa-se quase tanto como a Penny.

Durante toda a festa, vejo a Penny e o Jayden pelo canto do olho e tento não prestar atenção, juro por Deus, mas quando um gajo grita, ebriamente e a plenos pulmões, que *olha para as mamas de quem quiser*, é difícil não notar.

O Jayden Thomas é um cabrão. E olha *sempre* de modo descarado para as mamas de todas.

A Penny é uma mancha chorosa de cabelo castanho e *chiffon* pastel quando foge dele, e ouço o Remi dizer o meu nome, mas não presto atenção.

Tenho um problema com não ouvir.

É por isso que sigo a Penny. Para fora do celeiro e na direção do palheiro, que é onde ela vai esconder-se. Está mal iluminado e cheira a todos os jardins que ajudei a Marion a plantar.

Quando lá chego, ela não só dispôs os fardos de palha de modo a fazer uma cadeira para se sentar, como fez também um banquinho para os pés.

— A seguir vais fazer uma fortaleza completa? — pergunto.

Há uma pequena excitação no meu coração quando, sem sequer se virar para ver se sou eu, ela responde:

— Deixa-me em paz, Tate.

— Vim ver como estás.

— Estou bem. — Ela funga. — Podes ir.

Põe os pés em cima daquele fardo de palha e cruza os braços, e eu podia ir, devia ir... Outra versão de mim, menos bêbeda, teria ido. Mas o meu eu bêbedo acha que ela parece humilhada e triste, por isso não tenho outra escolha que não seja empurrar os pés dela para o lado e sentar-me no banquinho-fardo de palha, de frente para ela.

O rímel não está borrado, e sinto alívio por ela não ter chorado o suficiente — talvez não se ralasse o bastante — para o deixar manchá-la. Ele não merece o seu coração partido.

— O Jayden é um idiota.

— Eu amo-o — diz ela, e não consigo evitá-lo, começo a gozar ainda antes de ela acabar a frase.

— Penny, *não* amas nada. Isso não é possível.

Ela fita-me com fúria.

— É *suposto* amá-lo.

— Quem diz? — pergunto com incredulidade. — Ele disse-te isso?

— Não — responde ela, e volta a fungar. — Faz parte do meu plano.

— O teu *plano*? — Tenho aquela sensação de terror que ela por vezes me provoca, porque tende a levar as coisas demasiado longe. Como daquela vez que andávamos na primária e ela decidiu que precisava de viver da terra por uma semana, para compreender *verdadeiramente* um livro qualquer que andávamos a ler na escola. Não me lembro do livro, mas lembro-me da semana em que a Penny, com 9 anos, vagueou pelos bosques com um machado, alimentando-se de bagas e do peixe que apanhava com uma rede que teceu com plantas.

— O meu plano para o secundário — explica ela.

Claro que ela tem um plano. Provavelmente engloba muitas partes com códigos de cor e uma planta da escola que arranjou na câmara municipal. E, aparentemente, inclui o Jayden Thomas. Essa ideia faz qualquer coisa picar dentro de mim, afiada e roxa de raiva. Leva-me a melhor. É por isso que avanço sem pensar bem.

— O teu plano para o secundário envolve um tipo que não te respeita, nem a qualquer outra pessoa, o suficiente para não lhe olhar para as mamas? Penny, vá lá. As mamas são fantásticas. Também me agradam bastante, mas não me ponho a olhar para elas!

— Meu Deus, ele é tão estúpido — resmungo ela para as mãos. — E beija mesmo mal. Não sei onde é que eu tinha a cabeça.

Estou tão aliviada por ela não estar de coração partido que não percebo o que acabei de revelar, até ela levantar bruscamente a cabeça e ficar a olhar para mim.

— Espera aí. O que é que acabaste de dizer acerca de mamas?

— O quê? — O meu coração salta-me na caixa torácica.

— Tu disseste... — Ela está a fitar-me com demasiada intensidade e, de repente, compreendo o valor de fugir.

Porque acabei de, e briamente, me revelar à Penelope Conner, falando de seios.

— Tu és... — Ela detém-se, tentando dar-me uma hipótese de fuga por me ter acidentalmente assumido. Isto é tão querido, tão generoso, que eu encolho os ombros e termino a frase.

— Sim. Sou bi.

Ela inclina a cabeça. A curiosidade brilha nos seus olhos.

— Pronto, isso explica algumas dúvidas que eu tinha acerca de ti e da Mandy Adams no 7.º ano.

Atiro-lhe um punhado de palha.

— Está calada. Eu e a Mandy nunca...

Ela sorri, as lágrimas agora completamente secas.

— *Nunca* — insisto.

— Deviam tê-lo feito antes de ela se mudar. Era gira. Mas talvez fosse mais o meu género do que o teu.

E, de repente, sou eu quem está a fitá-la.

Do nada, ela virou tudo, porque até há cinco segundos eu teria garantido saber tudo o que valia a pena saber acerca da Penny. Tenho — tinha? — um certo domínio no que respeita à sua personalidade.

Mas *isto*... bem, isto é inesperado.

— Penny, quanto é que bebeste?

— Quanto é que *tu* bebeste? — riposta ela. Aquele sorriso torna-se mais profundo e as traves do palheiro espalham sombras no seu rosto por um instante, fazendo-a parecer feroz.

Porque é essa a questão com a Penny: é aprumada e de classe presidencial à superfície, mas, quando se escava mais fundo, ela não passou só uma semana nos bosques com um machado — também adorou cada segundo.

— Não és a única pessoa com segredos — diz-me ela como se cantasse.

— Bem, já revelaste o teu grande plano.

— O Jayden era simplesmente uma parte dele. — Ela sacode-o da sua memória como se fosse uma mosca.

— Quantas partes tem?

— Quinze.

— Fizeste um plano com 15 partes para o secundário?

— Faz parte do meu plano de 35 partes para a vida.

Já não há dúvidas, ela bebeu demais — está a falar disto livremente comigo. E eu, sem dúvida, também bebi demais, porque estou aqui, agarrada às suas palavras como se fossem um penhasco de onde tivesse escorregado. Mas mantenho-me agarrada, em vez de largar.

— Isso são muitos passos.

— Quantos passos tem o *teu* plano?

— O meu plano de vida tem apenas um passo: sair desta vila.

Ela ri-se. Eu não devia estar a reparar na forma como a luz incide nos seus lábios, mas estou.

Estão a acontecer tantas ideias más na minha cabeça neste palheiro. Tantas ideias novas. Ou talvez não sejam novas, mas antes estavam enevoadas. Agora o meu olhar é um espelho embaciado que foi limpo, e ali está ela, nítida pela primeira vez: Penny, no máximo da sua nitidez. Mais um espinho retorcido do que uma rapariga, pronta a cravar-se em ti e não soltar.

Nenhuma de nós sabe como.

— Sempre quiseste sair daqui. — Ela espreguiça-se no seu trono de palha, e sinto-me grata pela má iluminação, porque tenho a cara vermelha ainda antes de a sua t-shirt subir. É só uma fatia de pele, um pouco mais branca do que o resto dela, e não sei porque é que, de súbito, é tão diferente. Não sei porque é que importa mais do que a pele do seu braço ou do pescoço, aquela lista acima das calças de ganga que parece tão macia.

Mas ela não é macia. Preciso de me lembrar disso. Ela parece macia, mas é a rapariga nos bosques com um machado. A rapariga que passa todos os dias da semana a fazer os trabalhos de casa, para estar livre aos fins de semana e passá-los no rio com o pai.

A rapariga que come rápidos ao pequeno-almoço, que fariam canoístas mais experimentados borrarem-se todos.

Se eu sou boa dentro de água, a Penny é um génio em cima dela.

É assustadoramente temerária, viciada em adrenalina, coisa que o pai dela incentiva. A última vez que saí com os dois, tive a certeza de que ia morrer.

— Não queres sair daqui? — pergunto, demasiado honesta e demasiado curiosa para me calar.

— Para mim não é uma gaiola — diz ela. Inclina a cabeça para os lados abertos do palheiro, onde o horizonte (só pinheiros e pedra vulcânica) se agiganta, e nem sequer conheço esta sensação na minha barriga bastante bem para lhe dar um nome. — Aquelas montanhas... aquele rio... Era capaz de passar a minha vida toda a descobri-los, e haveria sempre mais para saber.

— Partir tem de ser um dos 35 passos nesse teu plano — comento.

— Ah, tem? — Ela arqueia as sobranceiras, e fi-lo outra vez: ofendi-a sem intenção, porque sempre demos faísca, como peças unidas por um mau mecânico.

— Vais simplesmente ficar aqui para sempre?

— Não odeio isto como tu.

— Eu não...

— Ai, isso é que sim.

Silêncio. Porque ela tem um bocadinho de razão quanto à parte de odiar e muita razão quanto à parte da gaiola, tal como tem razão ao dizer que podia passar a vida aqui, nestes bosques, com aquele seu maldito machado, e nunca parar de descobrir coisas novas. Percebo-o nitidamente, como se de repente a conseguisse ver com clareza.

Não percebo porque é que me chateia tanto a ideia de ela simplesmente ficar aqui.

(Ou talvez seja a ideia de a deixar para trás. Porque, por mais irritante que a Penny seja, nunca consigo convencer-me a odiá-la. Por mais que choquemos, sei de onde ela vem. E quanto mais tentámos separar os fios das nossas vidas que as nossas mães entrançaram, mais me apercebi de como isso seria difícil.)

Ela ri-se.

— Pelo menos não estás a dizer-me que sou demasiado inteligente para ficar.

— Bem, estás a ser simpática — digo, e ela lança-me um olhar perplexo. — Não estás a dizer que não tenho hipótese de partir.

A Penny franze a testa. Tem sobrancelhas fortes (riscos negros de encontro a uma pele bronzeada e sardenta) e, quando franze a testa para alguém, é uma experiência e peras.

— Eu nunca diria isso — confessa ela. — Será difícil, mas essa é a tua área, não é?

Inclina-se para a frente, com os cotovelos em cima das coxas, e agora os seus pés estão quase a tocar os meus. O verniz nas suas unhas dos pés é verde. Ou talvez azul. Não vejo muito bem. Mas estou consumida pela necessidade de saber, de memorizar cada detalhe deste momento.

Ela está perto. (Demasiado perto? Não suficientemente perto? Não consigo decidir.) Os seus joelhos roçam na minha perna, enquanto ela me olha diretamente nos olhos, como se o ar não tivesse sido todo sugado para fora da divisão, e diz:

— Se alguém vai sair daqui, és tu.

— Penny. — Neste momento, não sei nada a não ser o nome dela. Não vejo nada senão ela. Nunca devia ter vindo a este palheiro.

— Eu acredito, mesmo que tu não — declara ela; e, se o tivesse dito de forma grandiosa ou com floreados, eu podia desdenhar e culpar o álcool. Mas não sai grandioso. E não há floreados.

Há as suas mãos, segurando-me os pulsos e apertando enquanto o diz. E há o seu foco, inteiramente em mim, os olhos tão seguros, e quando ela não me solta, todo o meu corpo se sobressalta — um salto trémulo de partes que não têm sido usadas e agora regressam à vida.

Puxo os pulsos para trás, pensando que ela os soltará.

Não solta. Deixa-me puxá-la para a frente.

(Não sei o que fazer/Sei o que quero fazer.)

(Não sei como o obter/se devo tentar.)

(Será melhor ficarmos paradas assim?)

Mas antes de eu poder decidir, ela fá-lo por mim, porque a Penny é assim.

— As tuas pestanas são tão longas — diz ela, e eu nem sei como processar a forma como o meu coração palpita quando ela continua. — Nunca tinha reparado.

— São só pestanas. — É a minha voz? Nem sei. O meu coração está a bater demasiado depressa. A minha pele está demasiado quente. Está a tocar na dela.

(Ela não está suficientemente perto. Já decidi.)

— Hum. Bonitas.

E então, como se quisesse provar o seu ponto de vista, solta-me por fim. Porém, antes de eu poder recuperar, um dedo desce-me pela face, abaixo da curva da testa até ao canto do olho, um toque que me faz esquecer como pestanejar, como fazer movimentos ou qualquer outra coisa, na verdade.

— És mesmo bonita.

É como um choque frio para o meu sistema. Não tento afastar-me dela, mas sei que preciso de o fazer, agora.

— Bebeste demasiado.

O sorrisinho dela voltou, que Deus me ajude. Agora os seus dedos estão na minha bochecha; se descerem um pouco mais, estarão a envolvê-la.

— Bebi meia cerveja há duas horas. Achas mesmo que preciso de estar bêbeda para te achar bonita?

— Eu...

— Porque foste sempre bonita.

Agora ela tem a minha face na sua mão. Nem consigo engolir em torno de quanto desejo mergulhar nesta sensação.

(Ela está tão perto. As suas mãos não são macias, são calosas de remar e das cordas, e a pele áspera contra a minha é... é...

É como ser apreciada pela primeira vez.)

Digo o nome dela. É para a deter? Ou para a incentivar a prosseguir? Não sou honesta o suficiente comigo própria para admitir qual quero que seja.

(Tão perto.)

Depois, outra pessoa está a chamar a Penny fora do palheiro, e afastamo-nos uma da outra tão depressa que fico com a cabeça a girar.

— Penny? Estás aqui?

Meghan, a melhor amiga dela, entra a correr um segundo depois.

— Ah, estás aí! Tenho-te procurado em todo o lado... Oh, olá, Tate. Estás a fazer-lhe companhia?

Afivelo um sorriso.

— Estava só à espera de que tu a encontrasses — digo, levantando-me.

— Estás bem? — pergunta a Meghan à Penny, mas a Penny está apenas a olhar-me como se eu fosse uma corrente de água traiçoeira que ela ainda não percebeu como navegar, e eu quero ir-me embora, mas como posso fazê-lo quando ela me olha como se eu fosse a coisa mais fascinante do mundo? — Estás toda suja. Precisas de te limpar antes de irmos para casa. Vem.

— Estou bem — diz a Penny, e deixa a Meghan arrastá-la dali, mas continua a olhar para trás, para mim, com as sobrancelhas tão juntas numa risca preta como se estivesse determinada a perceber o que quer que acabara de acontecer, ou não acontecera, mas quase.

Nem sequer sei se foi uma fantasia, agora que penso nisso. Ou se foi verdade.

SEIS BEIJOS PERDIDOS (E UMA HISTÓRIA DE AMOR)

A única coisa que sei é que ela nunca tenta perceber. Ou talvez não tenha tempo. Porque, essa Penny? Aquela que chorou quando um rapaz a humilhou, tinha um plano de 35 passos para a vida e que me tomou a face na mão num palheiro?

Essa versão da Penny morre com o seu pai. E a rapariga que sobrevive ao acidente é uma Penny totalmente nova. Uma que é só temores em vez de temerária.

(Porque algumas raparigas não obtêm certas coisas, lembram-se?)

PARTE DOIS

trégua

(ou: a vez mesmo triste)

→ _____

→ _____

→ _____





.....

.....

.....

SEIS FACTOS SOBRE A PENNY E A TATE:

1. Elas conhecem-se desde sempre
2. As suas mães são melhores amigas
3. Elas definitivamente **NÃO** são amigas
4. Elas quase se beijaram várias vezes
5. Elas não falam sobre isso
6. Por decisão das suas mães, agora têm de morar juntas...



Quando a mãe da Tate precisa de um transplante e a mãe da Penny decide ser a dadora, as duas famílias vão morar juntas e as raparigas declaram tréguas.

Só que a Penny e a Tate estão sempre quase a beijar-se... Além de ser estranho, confuso e embaraçoso, é algo sobre o qual nunca falaram e que se torna ainda mais perturbador agora que estão na mesma casa.

E no momento em que o «QUASE» se transforma em «ISTO ESTÁ MESMO A ACONTECER», a Penny e a Tate vão descobrir que há coisas das quais não podemos fugir. E os quase-beijos são uma delas!

«Tess Sharpe utiliza com mestria alguns elementos típicos do *friends-to-lovers* para construir uma narrativa refrescante e dinâmica... Um romance *slow-burn* muito inteligente.»

— *Publishers Weekly*


LÊ TAMBÉM:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [boldreadspt](https://www.instagram.com/boldreadspt)

 [penguinlivros](https://www.twitter.com/penguinlivros)

ISBN 9789896236625



9 789896 236625 >